

DIRETOR DE APARECIDA DE GOIÂNIA – GO: REFLEXÕES SOBRE PRÁTICAS DA FAMÍLIA E DA ESCOLA NA MENTORIA DE DIRETORES

**DIRECTOR OF APARECIDA DE GOIÂNIA – GO:
REFLECTIONS ON FAMILY AND SCHOOL PRACTICES IN THE
MENTORING OF DIRECTORS**

André Alcântara Brandão¹
Vanessa da Silva Mariotto Onody²

RESUMO: Este relato de experiência tem o propósito de apresentar algumas reflexões sobre as práticas e condutas desenvolvidas em âmbito familiares e escolares vivenciadas por alguns alunos através da cultura colaborativa, sendo este compartilhados através da execução de uma atividade na Formação em Mentoria de Diretores na prática oferecida pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Através das reflexões o diretor representante do grupo, também, descreve as impressões sobre o desempenho da atividade realizada no Curso de Aperfeiçoamento em Mentoria de Diretores Escolares, em 2023, com finalidade de narrar acerca das práticas sobre as ações que culminaram dos referenciais teóricos apreendidos, como: escuta ativa e cultura colaborativa. Concluiu-se que, os conceitos e estratégias, aperfeiçoaram em vários graus a interação e comunicação com a comunidade escolar e propiciaram a partilhar de responsabilidades, com todos aqueles que estão envolvidos com a escola.

Palavras-chave: Cultura Colaborativa; Escuta Ativa; Mentoria de Diretores Escolares.

ABSTRACT: This experience report has the purpose of presenting some reflections on the practices and behaviors developed in the family and school environment, experienced by some students through the collaborative culture, which are shared through the execution of an activity in the Training in Mentorship of Directors in the practice offered by the University Federal University of São Carlos (UFSCar). Through the reflections, the director representing the group also describes the impressions about the performance of the activity carried out in the Improvement Course in Mentoring for School Directors, in 2023. such as: active listening and collaborative culture. It was concluded that, the concepts and strategies, improved in several degrees the interaction and communication with the school community and propitiated the sharing of responsibilities, with all those who are involved with the school.

Keywords: Collaborative Culture; Active Listening; Mentorship of School Directors.

¹André Alcântara Brandão, Mestrando no Mestrado Profissional em Ensino na Educação Básica CEPAE/UFMG. Professor e diretor da prefeitura de Aparecida de Goiânia/Go; andrealcantara@discente.ufg.br

²Vanessa da Silva Mariotto Onody, Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção-UFSCar; vamariotto@ufscar.br

INTRODUÇÃO: O PERCUSSO PARA A FORMAÇÃO DE DIRETORES MENTORES

Este relato de experiência tem o propósito de apresentar algumas reflexões sobre as práticas e condutas desenvolvidas em âmbito familiares e escolares vivenciadas por alguns alunos através da cultura colaborativa sendo este compartilhados através da execução de uma atividade na Formação em Mentoria de Diretores na prática oferecida pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Também, será apresentado através das reflexões o diretor representante do grupo as impressões sobre o desempenho da atividade realizada no Curso de Aperfeiçoamento em Mentoria de Diretores Escolares, em 2023 com finalidade de narrar acerca das práticas sobre as ações que culminaram dos referenciais teóricos apreendidos, como: escuta ativa e cultura colaborativa.

Ser professor na escola pública sempre foi algo real em minha vida. Desde criança eu já sabia que caminho seguir profissionalmente, mas por residir em uma cidade pequena do interior da Bahia, não havia muitas chances de estudar e me formar na área que escolhi, por isso, tive que buscar as oportunidades em outra cidade e a mais indicada foi a cidade de Aparecida de Goiânia, lugar onde encontrei muito do que precisava para seguir as minhas escolhas; estudar, algo que sempre gostei de fazer, foi uma delas.

Sou professor há vinte e dois anos, atuo na gestão da Escola Municipal Francisco Rafael Campos, após passar por vários outros cargos na educação, mas a minha essência é ser professor, algo que nunca foge ao cargo de diretor, que ocupo há cinco anos nesta unidade de ensino, pois, como afirma Saviani (2009, p. 207): “o diretor de escola é antes de tudo, um educador; antes de ser um administrador, ele é um educador”.

Neste contexto de minha vida entre trabalho e estudo que me vi na oportunidade em cursar, depois de uma grande disputa entre outros colegas, validada por um sorteio, tive a satisfação de ser contemplado, o curso de Mentoria de Diretores Escolares. Confesso que os anseios foram muitos, assim como a curiosidade, ainda mais quando envolve os meios tecnológicos, pois o curso é via Google Meet, os encontros acontecem uma vez por semana. Algo que já me trouxe alegria foi o fato das trocas de experiências com pessoas de diferentes lugares do país, professores que atuam como diretores, técnicos das secretarias de educação.

O que me chamou a atenção de início foi a expressão “mentoria”, que foi algo que me levou a refletir sobre a palavra, pensar sobre o que seria o curso, pois a princípio foi nos falado que o curso seria ministrado pela Universidade Federal de São Carlos em parceria com o Ministério da Educação. Nas minhas impressões, mentoria nos leva a pensar em mente, pensamento, reflexão e conseqüentemente em relação, relação entre pessoas que pensam, que têm opiniões, vivências, pessoas que têm experiências, conhecimentos e que podem compartilhar constituindo assim suas relações democraticamente.

Acreditei, logo que soube que eu havia sido contemplado com a vaga para participar do curso, que de forma resumida seria isso. Para minha surpresa, logo no início

do curso tudo foi esclarecido e eu estava no caminho certo, porém, o curso, nos traz mais e as expectativas vão aumentando com a base teórica e, claro, com a valorização dos relatos e vivência que cada participante apresenta ao longo dos encontros formativos nos levando a compreender que ser mentor ou um sujeito mentorado é um amálgama entre Escuta Ativa e Cultura Colaborativa. Compreendi que as ações entre ouvir, compreender e dar a devida atenção valorizando o que o outro tem a falar – e isso implica em considerar o que pensa, perceber o que o outro tem a dizer e respeitar os diversos posicionamentos – transforma ambientes, lugares e espaços que são compostos por diversos indivíduos.

Este movimento nos leva a conhecer a cultura dos lugares onde estamos como, principalmente, perceber a necessidade que temos constantemente de mudar, e isto nos leva a uma compreensão do que realmente seja a democracia, a soma das forças entre o pensar, o ouvir e o agir com o outro e a partir do outro, tornando-nos mais que um ser no mundo, mas com o mundo e com os outros no mundo, como afirma Freire (2016).

O curso de Aperfeiçoamento em Mentoria de Gestores trata, na sua essência, sobre este ser no mundo, considerando sempre a necessidade que temos de ouvir, ser ouvido e transformar a cultura em nossa volta tornando o mundo em um lugar melhor e mais humano para todos.

CULTURA COLABORATIVA: TEORIA

Realizando as reflexões sobre as situações ocorridas no cotidiano escolar, o diretor mentor é o protagonista da mentoria e não está apenas na atuação do diretor mentor, o diretor mentorado é tão ou mais importante nessa relação de desenvolvimento de práticas escolares. O diretor mentorado estabelece relações coligadas ao trabalho de ser diretor, por isso é preciso não apenas escutar, mas analisar as experiências expostas de outros diretores e de seu mentor, saber dialogar e expressar as demandas emergentes (LUIZ *et al.*, 2022).

Através das interações síncronas (on-line), as aulas da Sala 1 sobre “Mentoria de Diretores e a busca da Escuta Ativa e da Cultura Colaborativa” foi apresentado pelas professoras aspectos primordiais sobre a teoria deste tema extremamente relevante possibilitando o complemento das leituras indicadas e disponibilizadas no Ambiente Virtual de Aprendizado (AVA).

Luiz (*et.al.*, 2022) salienta que na cultura colaborativa é priorizar o diálogo, visto que este oportuniza a cada membro da equipe de trabalho expressar o que pensa e concretizar o seu agir. De acordo com a autora é através da escuta ativa é possível a abertura para que se possa reconhecer o outro como alguém que possa contribuir em diferentes contextos, mesmo tendo percepções diferenciadas.

Contemplando esta base teórica sobre cultura colaborativa e escuta ativa foi ressaltada nos encontros pelas professoras o conteúdo e trabalhado praticamente nos grupos menores contendo cerca de 22 cursistas conectados virtualmente nas discussões.

Para Luiz (*et.al.*, 2021), esta rota de aprendizagem propicia todo o

desenvolvimento do processo, constrói e consolida as práticas do trabalho colaborativo. A autora complementa que nesse modelo de trabalho ocorre um processo de nova construção do conhecimento, em que os saberes e as experiências dos membros do grupo são retroalimentados, discutidos e reformulados, gerando assim, novas propostas de melhoria.

CULTURA COLABORATIVA: PRÁTICA

Através da execução da atividade da Sala 1: “Círculos do Ponto de Vista” que tinha como principais objetivos: identificar diferentes pontos de vista que podem estar presentes em uma mesma situação; construir aprendizagens compartilhadas de forma colaborativa, com pontos de vista ou perspectivas que permitam enriquecer a análise; e utilizar recurso de charges para reconhecer o outro (reconhecimento) e ouvir com intenção (escuta ativa), evitando julgamentos e avaliações, foi produzido o seguinte texto sobre “Cultura Colaborativa”:

Bom dia, Professor! Bom dia, Professora! Eu me chamo Genildo, as pessoas me conhecem como Nildo do “*geladim*”, tenho 16 anos, sou o primeiro de seis irmãos, duas meninas e quatro meninos, moro com minha mãe, minha irmã mais nova de nove anos e meu pai. Na verdade, ele não é meu pai, minha mãe que diz que devo chamá-lo de pai porque eu tenho que respeitar ele; ele é pai somente desta minha irmã de nove anos. Sinto saudades dos meus irmãos que não moram comigo. A mãe costuma falar que não tem condições de cuidar de todos nós e por isso “deu os outros” para pessoas que não conheço. Saudade é uma coisa que não sei se é bom ou ruim, só sei que dói, ainda mais quando acordo a noite e fico pensando neles, principalmente na minha outra irmã de dez anos; tenho medo das pessoas mexerem com ela da forma que o pai mexe. As vezes ele entra no quarto quando a mãe está dormindo e passa a mão na minha irmã de nove anos; ele acha que eu não vejo, pois finjo que estou dormindo para ele não brigar, sinto uma coisa muito ruim quando ele faz isso, dá vontade de enfiar uma faca na barriga dele. Choro sempre por isso! Ah se eu pudesse sairia de casa e levaria ela comigo. Um dia a gente foge!

A minha mãe ainda me manda para a escola. Estou no sexto ano pela quarta vez, ainda não sei reconhecer as letras, tenho dificuldade pra ler. Ler é coisa difícil. Sou bom mesmo é na matemática, não erro uma. A Professora Luciane lá do terceiro ano disse que eu sou bom na matemática, foi ela que me ensinou e eu aprendi muito também na rua quando eu saio para vender os “*geladim*”. O povo que me passar pra trás, mas sou bem esperto quando tenho que passar o troco. Eu até gosto da escola, mas não gosto mais por conta dessa dificuldade que tenho com as letras. Com os números eu não tenho dificuldades; eu gosto muito também de história, acho engraçado quando a professora fala que quando os portugueses chegaram aqui nas nossas terras já tinham índios por aqui, fico pensando como eles nasceram ou chegaram por aqui. Índio é um povo tão valente, por que não correu com os brancos daqui de suas terras? Tem dias que é bom ir para a



escola, tem dias que acho ruim, pois a turma está muito barulhenta e a professora fala que não “aguenta mais”.

Ela diz todo dia que trabalha os três turnos, nem sei bem o que significa isso. Uma vez, na véspera do natal, a minha mãe disse que era para eu vender os “geladim” e que eu só ia para a escola se vendesse tudo, nesse dia eu soube que iam distribuir brinquedos na escola trabalhei muito para vender tudo, pois a mãe queria comprar um celular novo para ela, então vendi todos e fui para a escola, neste dia eu não levei o meu caderno e estava com a roupa que vou para o trabalho, logo que entrei na sala de aula a professora me mandou sair e eu nem entendi bem o porquê, mas sei que foi assim. Sai, me mandaram embora para casa. Voltei! minha mãe quis saber por que eu estava em casa já que tinha terminado o trabalho; eu não soube explicar, apanhei! Às vezes eu não sei explicar, as coisas só acontecem e eu deixo.

Fico muito dividido entre as coisas da minha vida! Minha cabeça é bem confusa. Fico entre as coisas que a professora fala e as coisas que minha mãe fala, e muitas vezes nem olha pra mim, principalmente quando está com o celular na mão. Ela parece que está feliz, rindo, olhando para o celular, vendo vídeos, mas quando vou falar alguma coisa para ela, logo muda de humor rapidamente ao olhar para mim, xinga e grita comigo e até com minha irmã de nove anos. Gosto de ir para a escola, as tias da cozinha me dão dois e as vezes até três lanches, volto para casa sempre cheio. É muito bom o lanche da escola, lembro do cheiro do lanche, do afago das mãos do diretor da escola que sempre passava e bagunçava meu cabelo, lembro muito das aulas de história e de matemática, da voz suave da professora do quinto ano quando ela resolvia contar as histórias dos conquistadores. Era sempre assim, as vezes feliz e as vezes triste!

O tempo passa, hoje tenho quarenta e três anos, aprendi a ler depois de muito tempo, acho que a leitura estava guardada em algum lugar em mim. Terminei a escola, apesar de tudo! Trabalho na construção civil, sou mestre de obras, sou bom em matemática e leio todos os livros de história que encontro em minha frente, tenho dois filhos e uma filha (José, Pedro e Maria). São meus tesouros! Eu os levo todos os dias a escola, que fica próximo à minha casa. Não é a mesma escola onde eu estudei, pois ela foi demolida, mas jamais esquecerei de tudo o que vivi ali, as vezes meu companheiro fala para eu esquecer, mas não quero, pois tenho medo de agir da mesma forma com meus filhos, e eu explico tudo para ele todos os dias.

Foi ele que me aconselhou a escrever estas linhas aqui para não esquecer do lugar onde vivi e sobrevivi, das pessoas que fazem parte de mim ainda hoje nas minhas memórias e da pessoa que jamais quero me tornar. Eu o incentivei a fazer uma faculdade. Ele é professor de história. A minha irmã, que na época mais difícil das nossas vidas tinha nove anos, se chama Iolanda, mora conosco também, ela está mais tranquila hoje em dia, mas as vezes fica muito nervosa, fala muito pouco, a depressão está controlada com os remédios que toma, nós conseguimos aposentá-la e gosta muito dos meus filhos, só fica muito nervosa quando homens se aproximam deles, deve ser por conta da vida que teve. A minha mãe foi morta pelo homem que eu tinha que chamar de pai, ele fugiu e não temos mais notícias, ambos continuam vivos em minhas memórias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O texto é uma releitura da realidade de alunos e alunas das escolas públicas brasileiras onde os cursistas diretores e representantes de secretarias trabalharam e/ou trabalham, fruto das discussões do grupo. Ele foi desenvolvido após a improvisação oral da história que trouxe uma comoção a maioria dos presentes na aula.

Minha trajetória educacional foi marcada por gratas surpresas. Uma delas foi, sem dúvidas, o Curso de Aperfeiçoamento em Mentoria de Diretores Escolares. A minha experiência na direção da escola, sempre me levou à busca por mais conhecimentos, porém não imaginava que havia tanto a aprender com a partilha entre colegas de todo o Brasil.

Não há aprendizagem tão rica quanto aquela que é compartilhada. E este é o eixo central deste curso. Entendi que uma liderança compartilhada é sinal de força e de potência da equipe.

Depois que iniciei essa jornada, percebi que tenho muito a colaborar, com algumas virtudes e experiências do cotidiano profissional. Porém o mais precioso para mim foi perceber que sou capaz de desenvolver habilidades que nem imaginava: a interação com os outros, ou seja, minhas habilidades interpessoais.

Dentre os vários conceitos e estratégias que aprendi, destaco a escuta ativa e a liderança compartilhada como principais, visto que a primeira, melhorou em vários graus a minha interação com a comunidade escolar e os cursistas da formação em Mentoria de diretores; e, a segunda, por me ajudar a perder o medo de compartilhar as responsabilidades da escola. Isso tornou minha prática diária muito mais fácil e satisfatória.

Agradeço a muitas pessoas e colegas que colaboraram e possibilitaram minha trajetória até aqui e minha gratidão a todos aqueles que fazem parte da equipe UFSCar, na formação em Mentoria de diretores, pelas oportunidades e os ensinamentos, sobretudo, pelo exemplo de ética, seriedade e compromisso que vocês têm com as escolas públicas.

REFERÊNCIAS

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

LUIZ, M. C.; SILVA, C. M. P. da; BARBOSA, M. C. R. O. *In*: LUIZ, M. C. (Org.). **Mentoria de diretores de escola**: orientações práticas. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022. Disponível em: <<https://www.gepesc.ufscar.br/publicacoes/livros>>. Acesso em 10 de março. 2023.

LUIZ, M. C. (Org.). **Mentoria de diretores escolares**: formação e contextos educacionais no Brasil. São Carlos: SEaD-Editora, 2021. Disponível em: <<https://www.gepesc.ufscar.br/publicacoes/livros>>. Acesso em 10 de jan. 2023.



LUIZ, M. C. (Org.). **Mentoria de diretores de escola:** orientações práticas. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022. Disponível em: <<https://www.gepesc.ufscar.br/publicacoes/livros>>. Acesso em 10 de março. 2023.

SAVIANI, D. **Educação:** do senso comum à consciência filosófica. Campinas, SP: Autores Associados, 2009.